



BELGRADO.

O INFANTE D. Manuel, setimo filho do nosso D. Pedro 2.º, contando apenas dezeseite annos de idade, dotado de inclinação marcial, sahi escondidamente do porto de Lisboa, aos 4 de novembro de 1715, para a Hollanda donde passou á Hungria a militar com o illustre capitão, principe Eugenio de Saboia em suas famosas campanhas contra os turcos, ganhando em tenros annos merecido nome por suas proezas. Serviu com muita distincção no sitio e tomada de Belgrado, grande feito bellico que teve lugar a 15 d'agosto de 1717. Já no anno antecedente o nosso infante se cobrira de gloria na assignalada batalha de Peterwaradin, que esteve a pontos de ser perdida: carregando os ottomanos com vehemencia a infantaria imperial a romperam, e na confusão das tropas, que retrocediam, cahiu o cavallo em que ia o infante que foi salvo pelo valor de D. Diniz d'Almeida, cavalleiro de Malta e coronel ao serviço do imperador, o qual vendo sua alteza em tamanho perigo expoz a sua vida aos alfanges dos turcos que o cercavam, deu-lhe o braço e conseguiu felizmente liberta-lo: ácerca deste dia lê-se na 2.ª Parte da Vida do principe Eugenio que .. «já parecia declarar-se a fortuna pelos inimigos, esmorecendo o valor germanico na desordem, quando o principe apeando-se do cavallo e posto á frente da infantaria trabalhou pela reanimar com palavras e com o exemplo. O Sr. infante D. Manuel, desprezando o perigo passado e o presente, com a espada na mão se poz a pé ao lado do principe, sem que reiteradas instancias podessem persuadi-lo a aceitar lugar menos perigoso.» No cerco de Temeswar, que tambem foi rendida, n'um reconhecimento á praça teve o cavallo morto d'um tiro de canhão, e foi ferido no joelho posto que levemente, o que todavia o não impediu de assistir ao assalto, resultando porem a inflamação da ferida, a qual depois

Agosto 3 — 1844.

cedeu ás diligencias da arte. Mais ao diante colheu novas palmas contra a obstinada defensão de Belgrado. — Esta praça populosa e forte tem assento na Servia septentional na confluencia do Savo e Danubio. Na «Vida do Feld-marechal barão de Laudon, vertida em portuguez pelo chronista cisterciense Fr. Manuel de Figueiredo, vem uma descripção e noticia historica de Belgrado, a que pouco temos que ajuntar. Se o marechal Laudon recobrou a praça, a frouxidão ou fraqueza da Austria a restituiu pela paz de Szistova em 1791, com as outras aquisições feitas na Servia: desde então pertenceu á Turquia excepto o curto periodo da revolução dos servios capitaneados por Jorge o negro, e que rebentou em 1804: este homem intrepido poz sitio á cidade em 1806 e della expulsou os ottomanos, e a conservou até 1813 que foi obrigado a abandonala, mas a esse tempo os habitantes lançaram fogo aos suburbios e arrasaram as fortificações. A destruição foi em parte reparada assim como alguma porção das obras de defeza. Depois que pelas condições do tratado de 1815 a Turquia reconheceu as instituições nacionaes da Servia, é Belgrado o unico ponto onde o sultão mantem guarnição.

CAVALLARIAS DE SUEIRO DA COSTA, ALCAIDE-MÓR
DE LAGOS.

QUANTO mais se estuda e reflecte na historia do reinado d'elrei D. João 1.º, o da *boa memoria*, tanto mais se encontram motivos d'admiração, e objectos novos de curiosa instrucção e moralidade. Foi verdadeiramente epocha de prodigios em que se viram em perfeito e feliz accordo e harmonia o genio, honradez e magnanimidade do soberano e de sua real familia com a cooperação, serviços e dedica-

2.ª SERIE — VOL. III.

ção dos subditos. O amor da independência nacional, o brioso impulso de desviar o jugo estranho havia callado tão profundamente no coração e no espirito dos portuguezes que depois de resgatarem o reino da servidão castelhana, depois de marcharem em torno do rei da sua escolha até dentro das fronteiras inimigas na Galliza, reino de Leão e Castella, Estremadura e Andaluzia, como que se acharam mal com a paz que veio paralisar temporaã o apetecido emprego daquelles brios, a carreira triumphal de suas façanhas. Crearam-se naquella grande eschola aquelles famosos aventureiros, que desgostosos do ocio e tranquillidade das treguas, sempre pedidas, e muitas vezes repetidas pela nação vizinha, ardendo em desejos de ganhar nome e fama, discorreram pelas nações da Europa; e lá foram, onde quer que a guerra lhes fornecia campo a suas valentias, offerecer seu braço e seus serviços a muitos principes estrangeiros. Os vencedores d'Aljubarrota, os cavalleiros armados no campo da batalha pelo victorioso soberano não couberam na patria, quando esta lhes denegou alimento a seus altos espiritos, e foram levar pelo mundo os creditos do nome portuguez.

O chronista Azurara na chronica do conde D. Pedro, escriptor quasi contemporaneo que ainda conheceu e tratou muitos daquelles cavalleiros, nos deixou testemunho explicito daquellas cavallarias, que aliás se acham consignadas mesmo em algumas das historias estrangeiras do tempo. Foi o caso, que logo depois da conquista de Ceuta, achando-se elrei D. João 1.º perplexo sobre conservar, abandonar, ou destruir aquella grande cidade, onde principalmente o levaram as nobres ambições dos infantes seus filhos, ahí armados cavalleiros, pôz em conselho dos illustres cabos do seu exercito a consulta do que mais conveniente seria naquella conjunctura. Não faltavam razões plausiveis para os diferentes arbitrios, que todas ahí foram ponderadas, e exaradas depois com tão ajustada sabedoria, interesse patriotico, chaneza, e ao mesmo tempo formosura d'estylo, que a leitura desse logar da sobredita chronica nos tem regalado sempre nas muitas vezes que o temos lido. Ahí pois entre as razões e conveniencias apontadas pelos do partido da conservação e defeza da praça com que elrei se conformou, foi a de fixar ahí a eschola da guerra, dar emprego e exercicio aos cavalleiros e escudeiros nobres, que aliás por mingoa della continuaram a percorrer a Europa com menor utilidade do reino, e com dispendio de fazenda. Compraz-nos consignar neste logar a passagem do texto porque elle firma uma observação importante ao conhecimento dos costumes e idéas do tempo: *ca todos vossos naturaes haverião rasão de vos vir aqui servir, especialmente os Fidalgos desejosos de bem fazer, que andão em vossa córte ociosos, gastando o tempo sem nenhũa bem, nem virtude; aqui terião tempo, e azo de cobrar por exercicio, e fazer taes serviços per que cuidassem que tinhão merecimento para com mor rasão vos requererem mercê: e ainda senhor, vós védes como os nobres mancebos de vossos Reinos vos pédem licença ora para França, ora pera Inglaterra, e para outras partes, a fim de fazerem de suas honras, e vós é necessario que os corregacs e mandeis como pertence á vossa honra por serem vossos criados, e naturaes; e em fim vão servir outros senhores com o que lhe vós daes, e com muito menos podem vir a esta cidade, e servir-vos em ella e vós fazerdes-lhes mercê, como fazés pelos serviços alheos, e ainda que vos*

alguã honra traga, elles serão muito mais contentes de o fazer a vós que a outro nenhum principe, pois são vossas, e de vós esperão o principal galardão de seus boos feitos. =

Entre os illustres aventureiros a quem cabia a força daquelle rasoado era *Sueiro da Costa*, de que já vimos estampada uma muito breve e succinta biographia na obra intitulada = *Retratos das Donas e Varões illustres.* = Mas como as cavallarias e aventuras deste homem extraordinario nem alli vem convenientemente apontadas, nem o podiam talvez bem ser antes do apparecimento da chronica de Guiné, modernamente impressa, aqui daremos em summario a carreira singular deste guerreiro portuguez, que até aos annos maduros da velhice conservou o fervor e os brios da viçosa idade nos feitos gloriosos. O indicado chronista descrevendo no cap. 51 a expedição de 14 caravellas armadas no Algarve no anno 1447, offerecidas ao infante D. Henrique para continuar os descobrimentos africanos, dos quaes era commandante geral um experimentado navegador chamado Lançarote [este nome, e de Lancelot e Lonsçarao, que de todas estas formas se acha escripto nesta idade, é propriamente Ladisláu], enumerando os demais cabos e notaveis pessoas que ahí iam, diz: = *ca era hi Sueiro da Costa, alcaide daquella villa de Lagos, o qual era homem nobre e fidalgo, criado de moço pequeno na camara d'Elrei D. Eduarte, e se acertara de ser em mui grandes feitos; cá elle fora na batalha de Monvedro com Elrei D. Fernando d'Aragão contra os de Valença; e assi no cerco de Vallaguer, em que se fizerom mui grandes cousas; e foi com Elrei Lançaráo quando barrejou a cidade de Roma; e andou com Elrei Luiz de Proença em toda sua guerra; e esteve na batalha d' Ajancurt, que foi uma mui grande e poderosa batalha antre Elrei de França, e Elrei d'Inglaterra; e fôra ja na batalha de Vallamont, cabo de Caaes com o Condestabre de França contra o Duque d'Ossestre, e na batalha de Monseguro, em que era o Conde de Fooes e o Conde d'Arminhaque; e na tomada de Sansoões; e no decerco de Ras; e assi no decerco de Cepta: nas quaes cousas sempre provou como mui valente homem darmas.* =

Esta relação de batalhas em que se achou Sueiro da Costa, comprehendidas desde o anno 1404 até ao anno 1410, e bem assim a declaração dos principes e capitães cuja bandeira seguiu, são de grande importancia para se conhecer os estylos e privilegios da cavallaria naquella epocha. Segundo estes, o cavalleiro podia escolher livremente o partido a que offerecesse seu braço e serviços, sem referencia alguma á politica e alianças dos estados entre si, ainda mesmo ás do seu paiz natal. O cavalleiro era uma especie de potencia livre e independente que podia levar o auxilio de seu nome e valentia onde quer que lhe parecesse, ou fosse seguindo sua phantasia e inclinação, ou segundo o melhor e mais conveniente partido que lhe fizessem. Acabado o prazo, ou a empreza e facção para a qual se offerecia ou se ajustava, elle podia variar de partido, seguir outra bandeira, servir outro senhor, guerrear mesmo o primeiro, menos que um beneficio recebido, um titulo ou mercê accetada se não oppozesse a esta liberdade. Deste privilegio se valeu sem duvida o nosso *Sueiro da Costa*, porque o vemos, segundo a relação acima do chronista Azurara, andar com o rei Lançaráu [Ladisláu, rei de Napoles] nas guerras da Italia, entrando com elle

em Roma para expulsar dalli o papa Innocencio 6.º que favorecia o seu competidor; e logo depois passou ao serviço do duque d'Anjou, Luiz 2.º rei da Provença, que disputava ao mesmo Ladisláu a corôa de Napoles. Mais; depois de andar em serviço de francezes, que taes eram os vassallos da Provença e o rei Luiz em toda sua guerra, isto é, desde 1409 até 1411, não duvidou passar ao serviço de inglezes e de Henrique 5.º seu rei, que inimigo terrível e victorioso de francezes, pouco distou de se apoderar de toda a monarchia franceza. Com inglezes esteve na famosa batalha d'Azincourt, em que a demasiada vivacidade franceza, transtornando a boa ordem e formação da batalha, foi vencida e completamente derrotada com espantosa carniceira, pois que ahí foram mortos 12:000 homens, entre elles sete príncipes do sangue real, e o proprio condestavel d'Albret, commandante geral da acção. Ahí esteve tambem outro abalisado cavalleiro portuguez, Alvaro Vaz d'Almada, que acompanhou com Sueiro da Costa a expedição ingleza. Ainda mais; consta da mesma relação acima que estivera na batalha de *Valmont* com o condestavel de França contra o duque de Gloucester; trocadas aqui as parcialidades, e servindo a francezes contra inglezes, assim como os servia na tomada de *Soissons* e no livramento do cêrco d'*Arraz*. Vê-se da mesma passagem de Azurara que o infatigavel Sueiro da Costa, alem das guerras de rei a rei, não duvidou envolver-se nas guerras dos senhores, e nas facções e parcialidades que despedaçaram a França durante a demencia do infeliz Carlos 6.º, entre Burguiñhões e Armagnaes, em que eram cabeças, d'uma parte João sem medo, duque de Borgonha, e da outra João, conde d'Armagnac, que sustentava o partido do duque d'Orleans.

Emfim, saudades da patria trouxeram a Portugal este nobre guerreiro, coberto de louros e de honrada fama, quando o memoravel cêrco, posto a Ceuta pelas potencias barbarescas colligadas em 1419, reclamava o auxilio e dedicação de todos os bravos cavalleiros. Para alli marchou Sueiro da Costa na armada que conduzia o infante D. Henrique, ao qual soube por tal arte ganhar a affeição e boa graça, que voltando este ao reino não quiz mais privar-se do conselho e do serviço d'um tal cavalleiro. Para isso lhe deu o cargo eminente de capitão-mór de Lagos, que era naquelle tempo a estação da marinha descobridora do mesmo infante, e o grande arsenal onde se proviam as caravellas, não menos do que o deposito e o mercado dos escravos e mercadorias de Guiné na volta das flotilhas empregadas naquelle trafico. Alli permaneceu por muitos annos Sueiro da Costa servindo sempre ao infante D. Henrique, sendo como seu logar tenente, executor de seus vastos projectos, promovendo e aprovisionando aquellas continuadas expedições que dahi sabiam com o fito no descobrimento do Oriente. Chegára o anno 1447, em que o entusiasmo das navegações e a sêde dos descobrimentos equipou uma poderosa frota, composta de vinte e tantas velas entre emprehedores de Lisboa e do Algarve, a fim de levarem ávante com impulso maior a empreza já tão adiantada da circumnavegação africana. Em Lagos se apromptaram 14 caravellas em que iam nobres cavalleiros, e por capitão e commandante de todos Lançarote, um mancebo illustre e muito experimentado n'outras anteriores navegações do infante. Era elle casado com uma filha de Sueiro da Costa; e este, apesar

de sua idade, auctorizada pessoa e renome de antigo guerreiro, não poude conter-se que não apparelhasse tambem uma caravella á sua custa, e saltando dentro della foi partilhar com aquelles moços aventureiros a novidade e a honra das novas conquistas. Ao empenho principal da expedição, que era passar alem do Cabo branco, e penetrar até ás terras de Guiné, levava o capitão Lançarote em seu regimento castigar os negros azenegues das ilhas d'Arguim e de Tira pelos damnos e mortes causadas em alguns dos nossos nas viagens antecedentes: eram estes negros valentes e numerosos, e esta circumstancia não contribuiria pouco para despertar os brios do ancião guerreiro, e resolvê-lo a um genero de milicia alheia de seus antigos habitos e experiencia. Reunida a flotilha no Cabo branco, pôz em conselho o capitão Lançarote o que em primeiro logar se havia de fazer; e depois d'accordado que se varejasse a ilha de Tider, principal baluarte dos negros, para ahí pozeram as prôas, e desembarcados em ordenança de guerra, azes tendidas, e a bandeira da cruzada tremulando, se seguiu aspera batalha, porque os mouros se defendiam bravamente como homens que estavam no seu paiz, e punham as forças todas em o guardar e conservar. A refrega foi dura e trabalhosa, porque alem da resistencia dos negros, o calor do dia abrazava os guerreiros portuguezes, carregados com o pezo de seus vestidos e armaduras. Derrotados emfim os mouros, voltaram os nossos aos seus navios com os pobres seus captivos, e os mesquinhos despojos de tão bruta e féra gente. — O cansaço [diz o citado chronista] foe em algũs tamanho que por nenhũ modo podião tornar de pé; somente lhes foe de grande soccorro pera sua necessidade, asnos que havia muitos na ilha, em que cavalgando se tornaram pera seus navios. —

Porem antes de saltarem nos bateis succedeu um caso que por sua novidade e estranheza se faz mui digno de reflexão; e foi que aquelles nobres escudeiros, alli chegados do combatê, reparando no venerando velho Sueiro da Costa, que verosimilmente não teriam visto remisso no conflicto, e viria affrontado do trabalho do dia e dos calores do clima, clamaram que devia alli mesmo ser armado cavalleiro; e *requererão* [diz a chronica] *a aquelle nobre homem que fosse cavalleiro, o qual ou por o requerimento sobejo de seus amigos, ou por elle aver vontade de o ser por maior honra sua consintiu em ello, dizendo que lhe prazia, com tanto que fosse por meio d'Alvaro de Freitas por quanto o conhecia por tal cavalleiro de que sua cavalaria não podia ser reprochada.*

E com effeito alli mesmo teve logar esta tocante e honrada cerimonia; demonstrando este acontecimento com a maior evidencia em quanta honra e apreço eram então reputadas estas expedições maritimas descobridoras, pois que um tão illustre guerreiro que havia dado tantas provas de sua valentia em tão grandes e notaveis occasiões na presença dos mais nobres soberanos e capitães de diversas nações europeas, não recusou o gráu de cavallaria depois d'uma facção com negros buçaes.

J. da C. N. C.

ESTUDOS SODRE O CHRISTIANISMO.

SERÁ uma preocupação, mas nós que somos accusados de muitas, não nos importa ter esta; porque quan-

to mais séria applicação fazemos sobre o coração do homem, e sobre os factos, tanto maior é a evidencia da luminosa idéa, que illustra a nossa alma apresentando-nos a theoria e a moral do christianismo conformes á nossa rasão, e á nossa dignidade, e de uma origem toda divina.

Quem é que contraria esse principio? o homem corrompido pelos preconceitos, pela soberba, e pelos costumes estragados, que são escandalosos, diz elle, quando seu irmão os pratica.

E qual será o farol, que hade guiar nossos passos no exame da verdade? qual o espelho em que vejamos o erro com suas horrorosas e negras cores? o nosso proprio querer, sem outro soccorro, nos apresentará o desejo de acertar, atraz delle o entendimento e a consciencia por si só bastam para dar homenagem ao christianismo regeitando todas as theorias e praticas contrarias como futilidades e absurdos indignos do homem.

Se alguém negou ao homem a posse de uma regra segura para conhecer o bem ou o mal e a vontade para a escolha, disse-o sem tardar que se desmentisse por seu mesmo procedimento? E ou seja porque uma illustração superior impelle o homem a abraçar o christianismo, ou seja porque a sublimidade de suas ideas tenha força magnetica para atrahir o ser independente e superior por sua grande esphera a todos os seres dependentes; a theoria e a moral do christianismo são conformes á rasão e á dignidade do homem.

Demais, dizemos nós porque os factos nos ensinam, não é o homem capaz de produzir o magestoso complexo de pensamentos e de regras, que a theoria e a moral do christianismo apresentam. Se o entendimento do homem basta a fazer o paralelo, é muito apoucada a sua sabedoria para produzir esses pensamentos e traçar essas regras; logo alguém de uma esphera sublime em comparação ao homem foi seu auctor: e esse alguém só pôde ser aquelle, que deu existencia ao homem, e lhe deu alimento em suas necessidades, por isso prescreveu um culto digno de seu ser independente e perfectissimo: é isto o que a historia de todas as idades nos mostra de uma maneira que não admite contrariedade.

Nunca houve sobre a terra um povo, que deixasse de ter estas duas grandes ideas «um Deus Author de tudo, um Deus digno de veneração»: em todos os escriptos, que da antiguidade restam, não se encontra noticia de um povo sem Deus.

Aqui e alem um nota de atheu o que é menos supersticioso que elle, ou não adora suas falsas divindades, e dessa accusação tira a soberba humana uma consequencia contra a universalidade destas duas grandes ideas; mas ao passo que se apresenta com ar de triumpho, lá apparece o philosopho, que com olhos indagadores viu os costumes dos accusados, e diz «adoram deuses que eu desconheço, ou um Deus que elles não conhecem e a quem não sabem o nome.»

Mas a theoria e moral do christianismo conforme á rasão e á dignidade do homem, e dimanadas d'esse Deus, cuja existencia foi sempre conhecida por todos os povos da terra no meio das densas trevas da idolatria, porque nenhuns houve que fossem atheus, acharam, e tem inimigos nos preconceitos, na soberba, e nos costumes estragados; é isto o que requerendo extensa demonstração nós compendiaremos aqui.

Certamente, que essas ideas sublimes, *de Deus*

e de um culto digno d'elle, foram as primitivas do genero humano: quanto mais nos avizinhamos pelo exame ao berço do homem, menos corrupta se acha a sua crença, e se não é assim, que quer dizer, volvendo atraz, a diminuição progressiva de deuses, simulacros, sacrificios, ceremonias; e sempre fixas com mais ou menos obscuridade aquellas ideas? e o que nós conhecemos pelos monumentos a que os seculos tem perdoado, é o que se deixa ver claro nesses povos, que separados de nós por um grande numero de seculos, ha poucos se tem ido conhecendo; e é nestes padrões vivos, que melhor e com mais acerto talvez se encontram as provas.

Assim como é tradição de todos os povos um diluvio, tambem o é a culpa primitiva em que cahiu o genero humano: se comtudo a noticia do primeiro parece extincta em alguns, a da segunda nunca o foi, exista ella debaixo de um ou outro aspecto: e porque não será esta segunda a motora de todas, e ainda da perda das tradições mais puras sobre o culto? porque não será a causa da inclinação que o homem tem para as creaturas maior que para o Creador? E daqui partindo, porque não diremos que o homem deu culto ao sol, ao fogo, e á agua, porque suppoz virem destes objectos immediatamente os bens e os males? E embotando-se o entendimento estendeu esse culto aos animaes de quem teve pavor, deificou homens grandes por suas virtudes ou vicios, levantou altares á prostituição e á sensualidade; instituiu sacrificios para aplacar essas divindades, queimou incenso á obra das suas proprias mãos; teceu uma historia dos seus deuses, a sua genealogia, e santificou os erros mais torpes desses deuses; olhou para os astros, para o vôo das aves, para as entranhas das victimas, e dahi se illudiu predizendo futuros; sacrificou-se a si proprio, despedaçou seus irmãos em holocausto a esses mentidos deuses, diante de quem a donzella se prostituia para satisfazer a lei, cumprir o voto, alcançar a benção, quando não o dote para um matrimonio, que ninguem regeitava; fez rodar a cabeça do principe aos pés do sacerdote pela salvação do povo; e invocando ás vezes *um Deus superior a todos esses*, parecia esquecer-se delle para se tornar um monstro, uma ridicularia, admittindo como bom e judicioso tudo que a rasão e a consciencia lhe tornava abominavel, mas que o costume, o interesse, e o prejuizo o obrigava a praticar?

Todos aquelles povos, que não tinham religião mais ou menos commum se escandalisavam das praticas, dos sacrificios, e ainda dos simulacros dos outros; porem no que isso tinha mais logar era nas praticas desconformes aos sentimentos de elevação do homem. E qual será a regra do christianismo que produza escandalo a olhos d'algun homem?

Essas crenças e esses cultos, perpetuados por seculos, trouxeram a preocupação pela qual o christianismo soffreu tyrannias. Desde o primeiro de seus augustos mysterios até ao ultimo d'elles, desde o mais salutar preceito, caminhando por todos elles, encontrámos a sublimidade e a pureza, em adverso da ridicularia e da prostituição, que se manifesta nas theogonias pagaãs; mas por isso mesmo o christianismo combatia já os interesses, já a sensualidade; e ainda que algumas vezes os idolatras, reconhecidos mais sabios e judiciosos, não encontram nos christãos senão innocencia, fidelidade, e pureza de costumes, os preconceitos ajudavam a maldade dos ministros impuros de um culto em que muitos não acreditavam, para produzir o odio e a vingança.

Essas theorias, essas praticas, que aviltavam o homem, levaram á indifferença muitos a quem o estudo collocou em uma esphera superior; mas querendo explicar o que não sabiam, fizeram da materia um deus, um deus automato; do acaso tiraram todas as cousas, ou estabeleceram que Deus era a alma do mundo, sem se lembrarem que lhe tiravam as qualidades de puro e perfeito, porquanto sendo assim uma porção da divindade era a alma do facinoroso, e caberiam em Deus todos os vicios: esses systemas formaram escolas, e sobre tudo a idéa do materialismo agradou, porque era principal idéa da impunidade e da independencia, atraz da qual andou sempre o indifferentismo religioso; a soberba e o crime santificaram este systema pernicioso ao genero humano, e que tem sido, dissemos nós, em todos os tempos, o principio efficaç não só dos males do christianismo, mas de toda a ordem social.

E porque não querem alguns destes taes na hora da reflexão um povo que pense como elles? porque os temos nós visto fazerem educar seus filhos nas maximas religiosas, e admittirem a seu serviço apenas homens para quem a fé, as leis são objectos respeitaveis? se exceptuarmos alguns loucos perdidos, os alumnos da eschola do indifferentismo querem religião nos outros; e na verdade não é muito obscura a causa de seu procedimento!

O orgulho e a impunidade é, sem contradicção, quem produziu indifferentistas, atheus, e materialistas, nega-se a providencia de Deus, porque é necessario negar a sua justiça, e de envolta com tão perniciosas idéias vem a outra tão desconforme da nossa natureza, tão aterradora e desesperada, como desconveniente a todas as tradições recebidas em todos os cultos: nega-se em uma palavra a immortalidade da alma, porque a pertinacia no crime nega a justiça de Deus, e tambem nega os beneficios que d'elle todos os dias recebe o homem! Mas semelhantes pseudo-sabios formarão uma crença universal, quando provarem que a materia pôde desenvolver-se a ponto de produzir o magestoso quadro do universo, que se apresenta a nossos olhos; e que pôde dar-lhe as leis, que invariavelmente segue; e quando enfim mostrarem que a materia tem uma intelligencia infinita.

Um povo foi destinado a conservar as tradições primitivas: esse povo eram os filhos de Jacob, porém o contacto com povos prevaricados o fez aberrar algumas vezes do justo caminho; no meio desse povo appareceu o Supremo legislador do christianismo, que vinha aperfeiçoar a religião e não destrui-la, aperfeiçoar essa mesma religião que lhe dera um nome glorioso e o mais celebre; mas elle estava tão corrompido que não conheceu o que esperava por Salvador, e que suas tradições apontavam com o dedo assignalando a epocha de sua chegada, e todas as qualidades de que Jesus Christo estava revestido, a sua origem da casa de David, o seu nascimento de uma Virgem, a sua humildade, doutrina, prodigios, morte e resurreicção; esse povo não o conheceu porque, sujeito aos romanos, esperava um libertador temporal, o que não competia por suas tradições ao character do Messias; esse povo não o conheceu porque muito grandes eram os seus vicios, porque entre elle haviam materialidades indifferentistas, que outra cousa não eram os saduceos negando a immortalidade da alma: a hypocrisia era o meio com que estes presumidos sabios conservavam o prestigio da auctoridade, man-

chando o templo santo com sua presença impura, e offerecendo com mãos sacrilegas sacrificio e incenso ao Santo Deus de Israel: mas a pertinacia o levou á dispersão e ao odio universal das nações, que ainda hoje lamenta, sem sacrificios, sem sacerdotes e sem leis.

Um impostor se apresenta alguns seculos depois na Arabia, descendente de Ismael, segundo a sua crença, pela linha dos ministros do templo de Kaaba em Meca, templo famoso pelas peregrinações: fingiu-se propheta do Altissimo, e instituindo uma religião toda carnal, e em que as mulheres são propriamente consideradas cousas indignas do paraíso; uma religião, que apesar de reconhecer a Deus unico, santo e misericordioso, elle prégou com o alfange em punho sem embargo de attrahir pela sensualidade: foi esse impostor que legou a seus proselitos um rancor sem par ao christianismo, pretendendo reduzir á mais vil escravidão quantos o professassem.

Comtudo ainda assim não foi Mahomet quem fez verter lagrimas as mais sentidas ao christianismo; foram sim seus proprios filhos alimentados com o leite salutar de uma religião de amor, de paz, caridade e salvação! foram esses filhos degenerados, que pela sua soberba ou pravidade de costumes, quando não uma e outra cousa, rasgaram o peito da mais carinhosa Mãe; foram Simão Mago, Ebion, Carpocrates, Montano, Sabellio, Manes, Ario, Macedonio, Prisciliano, Helvidio, Pelagio, Nestorio, Eutiques, Theodoro de Mopsœstia, Sergio, Leão-zauro, Elipando, Phocio, Berengario, os Albigenses, os Flagrantes, Wiclef, Hus, Luthero, Zuínglio, Calvino, Henrique de Inglaterra, Espinosa, os Socinianos, com outros muitos, finalmente os chamados philosophos do passado e presente seculo.

A historia particular de cada um desses individuos é a prova mais forte de que o motivo de seus erros é aquelle que se manifestou; sendo verdade tambem que a muitos transtornou a cabeça o delirio da escolha pretendendo dar á philosophia o que negavam á fé, e caminhando de precipicio em precipicio no exame dos augustos mysterios do christianismo, donde veio perderem-se por suas malfadadas theorias.

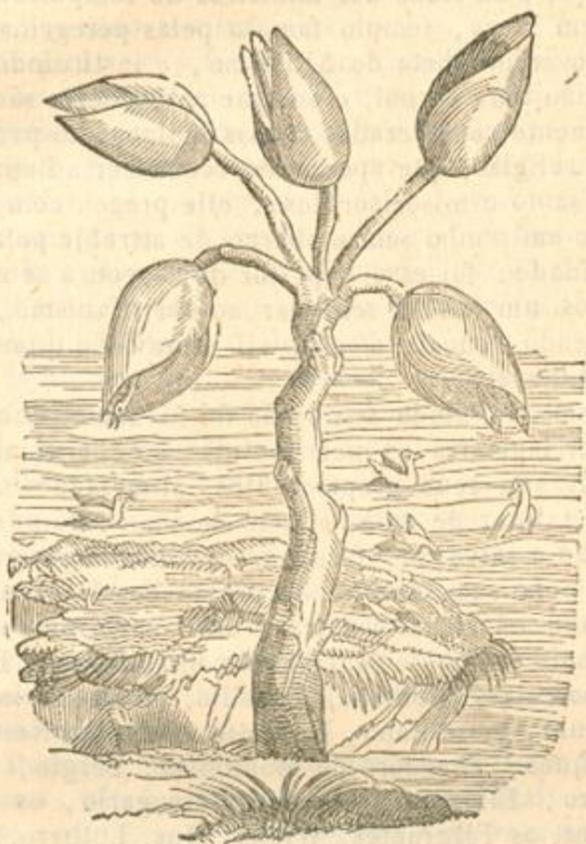
Assim mesmo permanece tão refulgente como no principio essa religião, que pela santidade de sua moral convem a todas as idades e a todos os povos em todos os tempos, e pela sublimidade de seus mysterios, que a rasão não descortina, mas em que nada ha indigno da Magestade do Ser supremo: e os quaes por essa sua elevação motivam o respeitoso obsequio que pela fé se deve tributar á missão de Jesus Christo, a par da necessidade de estabelecer a distancia entre o homem e Deus.

FAC-SIMILE DE UM HERBARIO DE GERARD.

A PRESENTE estampa é o fac-simile de uma gravura do «herbario» de Gerard, e uma prova dos desvarios da imaginação em pontos d' historia natural, que muitos escriptores se não pejaram de cegamente adoptar e transmittir á credulidade alheia.

Encontram-se aos bandos nos mares do norte da Europa uns patos ou gansos maritimos, casta a que chamam bernichas ou berniolas; são volumosos, cinzentos por cima e brancos na parte inferior do corpo com o pescoço preto: as paragens onde em

maior quantidade apparecem são as ilhas Orcades, de Shetland e de Feroe. Nisto nada ha que notavel seja; comtudo tem-os feito celebres o modo maravilhoso de propagação que lhes attribuiram, não podendo atinar-lhes com os ovos, maneira e sitio da incubação. É esta ave o ganso arborigeno dos credulos, e ahi estampamos a planta imaginaria, de que supunham que elle provinha; ahi se divisam



os singulares e grossos botões, que cheios do seu feto em lugar de caroço, pendem para o tronco na maturidade e desabrocham e largam os patos, que na agua que em baixo os recebe logo nadam com desafogo e regalo, como á sua indole cumpre e a seus futuros habitos. — Não póde dar-se maior extravagancia; e tambem não houve patranha mais geralmente acreditada. Procede isto, segundo alguns, de nos penhascos e praias das inhospitas ilhas do norte se acharem muitas vezes toros e pedaços de vigas, que para alli arroja o rolo das vagas, os quaes apparecem cobertos de um certo mollusco com sua concha, na qual se mantem o animal ao mesmo passo que a segura ao pedaço de páu por uma comprida lingueta roliça que parece o longo pedunculo de um fructo muito volumoso; e isto de maneira que se o lenho boia ao som d'agua aquellas grandes conchas fluctuam incertamente, e o mesmo movimento lhes incute o vento. Creram portanto os amigos dos portentos, que eram esses toros os fragmentos d'árvores arrancadas pelas tempestades nas regiões incognitas onde se criavam; e que eram nascidiças alli as conchas, reputadas receptaculos do embrião dos gansos bernichas, os quaes por este modo vinham a ter vegetal a sua origem. Ainda modernamente o vulgo das ilhas da Escocia se capacita desta falsidade ridicula.

DA CLASSIFICAÇÃO DAS SCIENCIAS CALCULADA PARA SERVIR DE BASE A UM SYSTEMA RACIONAL D'INSTRUÇÃO PUBLICA.

(3.º Artigo).

Nos precedentes artigos havemos mostrado como na instrucção primaria se ensinam as mesmas ma-

terias a todos os alumnos; porque nessa primeira epocha da educação cumpre limitar-se aos conhecimentos necessarios a todo o homem, seja qual for a carreira que elle abraçar.

Já na instrucção secundaria é mister não applicar os alumnos, senão áquelles estudos que lhes forem necessarios, como preparatorios para a sciencia, arte ou officio para que se conhecer ou presumir que a natureza lhes tem dado particular aptidão.

Logo que, assim preparados, os alumnos se matriculem em qualquer faculdade, é preciso que elles se considerem, como fazendo parte de uma corporação, que lhe assegura, não só os meios da sua subsistencia e de sua futura familia; mas uma efficaz protecção contra todos os sinistros acontecimentos, a que os homens estão sujeitos sobre a terra. Por quanto: não basta que o Governo promptifique aos cidadãos os meios de se instruir, deixando ao arbitrio de cada um aproveitar-se delles ou torna-los absolutamente inuteis ao Estado; e seguir, segundo seu capricho, esta ou aquella carreira de vida, ou não abraçar nenhuma. Já mostrámos quanto é ábsono deixar este encargo aos paes, que pela maior parte são destituidos da precisa intelligencia; e dos que a possuem, uns não tem tempo, outros, por negligentes ou por preocupados, quer seja por falsas noções do bom e do justo, quer seja d'um mal entendido amor paterno, dão uma errada direcção á educação dos filhos. Não resta pois, senão o Governo, a quem possa incumbir a obrigação de procurar a satisfação dos direitos que as creanças tem a que se lhes dê uma educação; e a sociedade a que elles sejam convenientemente empregados.

Como a lei deve tender a este fim, durante as duas epochas da educação, primaria e secundaria, já fica summariamente indicado nos precedentes artigos. Agora exporemos o como no nosso *Projecto de Codigo politico* havemos coordenado a terceira epocha dos estudos superiores; isto é, daquelles ramos de sciencias, litteratura ou bellas-artes, de que devem fazer sua profissão os alumnos, que para isso tiverem mostrado aptidão, e nos ultimos exames das escholas preparatorias houverem obtido a qualificação de *distinctos*.

Suppondo o continente e ilhas adjacentes dividido em quatro provincias, propomos: que nas respectivas capitães [Lisboa, Evora, Coimbra e Porto] haja uma academia das sciencias e das artes; sendo membros dellas, segundo as diversas ordens de jerarchia traçadas nos respectivos regulamentos todos os que se matriculem nas diversas faculdades, e ahi obtiverem os grãos academicos correspondentes ao seu merecimento.

Cada academia se compõe de quatro faculdades, a saber: 1.ª Das sciencias physico-mathematicas — 2.ª Das sciencias moraes e politicas — 3.ª Da litteratura — 4.ª Das bellas-artes.

Estas faculdades se dividiriam em secções pelo seguinte theor:

A. 1.ª Mathematicas puras — 2.ª Mathematica applicada á mechanica, á astronomia e ás artes — 3.ª Zoologia e sciencias medicas — 4.ª Botanica e Agricultura — 5.ª Chimica e sciencias mineralogicas — 6.ª Sciencias militares — 7.ª Sciencias maritimas.

B. 1.ª Sciencias philosophicas — 2.ª Sciencias juridicas — 3.ª Estadistica e sciencias commerciaes.

C. 1.ª Linguistica — 2.ª Historia — 3.ª Antiquidades.

D. 1.^a Desenho, gravura e lithographia—2.^a Pintura—3.^a Esculptura—4.^a Architectura—5.^a Artes theatraes.

Todas estas academias seriam independentes umas das outras; mas todas ellas dependentes da direcção geral dos estudos.

As attribuições destas academias seriam:

1.^o Dirigir o progresso do ensino publico, cada secção na respectiva especialidade, salva a subordinação hierarchica, tanto aos conselhos da correspondente faculdade, como da direcção geral.

2.^o Prover ao estabelecimento, conservação e regimen das livrarias, museus, gabinetes, e mais objectos concernentes ao ensino e cultura das sciencias e das artes.

3.^o Expedir os competentes diplomas, tanto aos que obtiverem gráus academicos, como aos que forem eleitos membros das academias.

4.^o Prover a que os litteratos e artistas, a quem faltar emprego por via da industria privada, o obtenham em objectos de publico serviço e por conta do Estado.

5.^o Sustentar correspondencia com as outras sociedades litterarias, e com os sabios e artistas, nos paizes estrangeiros; e fazer viajar pessoas escolhidas, a fim de colligirem as noticias que os conselhos das secções entenderem que cumpre obter a beneficio da respectiva repartição.

6.^o Propôr, e repartir pelos seus socios, trabalhos uteis ao ensino ou ao desenvolvimento e progressos de cada ramo dos conhecimentos humanos.

7.^o Propôr annualmente programmas com premios proporcionados, a que concorram os nacionaes e os estrangeiros, que para isso se julgarem habilitados.

Um dos primeiros resultados desta organização será formarem-se em todos os ramos da instrucção habeis oppositores, d'entre os quaes saíam os substitutos e os lentes para as differentes cadeiras.

A este respeito faremos uma observação, cuja utilidade se não limita ao systema que propomos; pois tem applicação a quaesquer outros, e vem a ser: que, desde os professores de primeiras lettras até aos lentes das academias e aos academicos, deve haver uma serie de promoções; não havendo entre ellas nenhum que não possa aspirar a subir gradualmente pelo ensino ou cultura das sciencias, das lettras ou das artes, aos mais elevados gráus de jerarchia social. Mas não, como actualmente se pratica, estabelecendo uma graduação entre os diversos ramos de uma sciencia, por exemplo, a arithmetica e a geometria elementar, o calculo superior, a mechanica e a astronomia, vindo a consistir a promoção em passar o lente da primeira pelas intermedias até a astronomia; pois é evidente que póde qualquer ser mui habil n'um daquelles ramos, e mediocre em outros.

A promoção em honras e em lucros deve-se fazer sem que o promovido saia daquelle gráu do ensino theorico ou pratico da sciencia em que foi distincto; estabelecendo a lei uma escala de promoções para os professores de primeiras lettras, outra para os de instrucção secundaria e assim por diante. Assim ficará ao arbitrio de cada um limitar-se a subir na sua escala até onde ella chegar, ou fazer opposição aos empregos de outro algum ramo da mesma faculdade, para que se repute habilitado, e cuja escala de promoções, alcançando a mais elevada jerarchia, do que a do ramo em que elle

se acha, satisfaça melhor as vistas da sua nobre ambição.

Se por este modo se assegurasse a cada um a justa recompensa da sua applicação, e ella fosse distribuida, não pelo favor do Governo, mas pelo voto dos homens da profissão; e não só de alguns, mas de todos os que, sobre a materia e sobre o merito relativo dos concorrentes, podessem emittir um voto com conhecimento de causa; assentar-se-hia a cultura das sciencias, lettras e artes, sobre uma base mais solida do que o actual systema, que, offerecendo aos alumnos recursos mais ou menos completos para a sua instrucção, lhes não afiança uma util e certa applicação dos progressos que cada um fizer na profissão a que se houver applicado; ainda quando nella se haja notavelmente distinguido.

Não deixar progredir na carreira das sciencias, das lettras e das artes os talentos inferiores, nem os mediocres, mas só os distinctos: e assegurar a cada um a sua subsistencia e promoção, proporcionaes á sua capacidade e bom serviço: taes são as reformas que reclama a instrucção publica; e a Nação espera receber da providente legislação que lhe promettem os seus Representantes.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

DA SUBSTITUIÇÃO À PENA DE MORTE.

(Fragmento).

.....
É tão cruel, tão repugnante e repulsiva a idéa da morte que o facto da sua applicação tem sido, é, será talvez longo tempo objecto de viva discussão. Moralistas, juriseconsultos e philosophos se teem occupado d'ella — teem voltado a questão de todos os lados — teem-na examinado por todos os seus differentes aspectos. Sem entrarmos em profundo exame cremos que a verdadeira luta é entre a humanidade e a justiça, entre a commiseração e a necessidade. — Isto posto, sobremodo convirá saber se existe a possibilidade de encontrar, ou se já effectivamente se encontrou meio de satisfazer a justiça sem tão crua e repugnantemente offender a humanidade — de remediar a necessidade sem prejudicar a commiseração.

Talvez!

Sem interrogar a historia, nem indicar as amplas paginas — dadas por tantos bons engenhos ao exame serio e grave da applicação da pena de morte, já considerada como pacto, já encarada como direito — diremos unicamente, com a nossa humilde rasão, que em these regeitámo-la absolutamente; em hypothese hemos até hoje reconhecido a necessidade de admitti-la em algumas circumstancias — casos especiaes que a lei comprehende na sua generalidade, mas que nós quizeramos ver melhor e mais singularmente consignados.

Ha poucos annos, n'uma sociedade que ainda hoje vive em Lisboa com a denominação de Escholastico-Philomatica, composta de mancebos todos no viço da idade e do talento, todos distinctos pelo merito pessoal, e quasi todos pertencentes ás mais notaveis familias, todos emfim esperanças da patria e seu futuro adôrno, n'essa sociedade, diziamos, que tivemos a honra de presidir, foi largamente tratada a questão, e com tal clareza e profundidade que muitos, bons e claros talentos, dos primeiros de Portugal, assistindo ás suas sessões, ficaram ma-

ravilhados. Algumas vezes, deixando o nosso lugar, tomámos parte na discussão, e ahí singelamente mais por satisfazer as exigencias da nossa convicção do que por levar luzes aonde as havia tão sobejas, enunciámos esta mesma opinião, sem alinho nem concerto de phrase, mas reflectida e longamente ponderada.

De justiça é confessar porem que a maioria d'aquella nobre e generosa mocidade consultando mais os empenhos da compaixão do que as exigencias sociais fervorosas se declararam inteiramente contra a applicação da pena de morte. Fomos então de opinião diversa, hoje porem folgámos de totalmente adoptar aquella.

Não somos incoherentes: professámos ainda hoje a doutrina de que então estavamos imbebedos.

Em geral os instinctos do povo são sanguinarios. Uma desgraçada, e bem desgraçada experiencia tem feito ver que o apparatus dos supplicios longe de alcançar o salutar effeito que se deseja, familiarisa as turbas com a idéa da tremenda justiça das leis. O cutello que decepa a cabeça do delinquente corta tambem os restos de horror que ainda lá se aninhavam n'um canto da alma do quasi corrompido. — O laço que affoga o assassino suffoca ao mesmo passo um vislumbre de piedade que temperava ainda o coração do que se dispõe a lançar mão do ferro. — Finalmente o sangue que escorre do cadafalso, vai excitar a sêde do leão popular que rugem em volta d'elle. É a verdade demonstrada pela prática.

Deixando de parte muitas rasões, a apparencia de vingança que toma a justiça, defensora da sociedade; o desprezo da morte, filho d'um philosophismo estúpido e brutal; a inefficacia do exemplo; e ainda mais as consequencias terriveis d'esse exemplo, quasi sempre contrarias ao fim d'elle, tudo d'um lado se oppõe á applicação da pena de morte. Os funestissimos resultados da impunidade, já tambem por infeliz experiencia mais que provados; a responsabilidade dos juizes que no acto de condemnarem ou absolverem tomam do facto aos hombros o grave encargo da sua sentença, cujo effeito vai reflectir-se em toda a sociedade, e que se deixarem sobre a terra um coração endurecido no crime tem de responder, perante Deus e os homens, de todos os seus futuros attentados — a necessidade de cercear um membro corrupto e damnoso por que não contamine os outros — e ainda mais o perigo a que ficam expostos os innocentes assim sujeitos ao ferro, aos ardis, e ás traições dos perversos; tudo d'outro lado e com mais peso faz inclinar a balança para aquella necessaria, mas custosissima expiação.

Se porem o espirito da justiça e o da humanidade unidos tiverem dado com outro meio que preenchendo igual e ainda melhor fim, não seja exposto aos mesmos inconvenientes, e ás mesmas perigosas consequencias, não teremos acaso resolvido o problema com vantagem de ambas as opposições?

Esse meio acaba em París de o apontar á curiosidade é á discussão o celebre romancista *Eugene Sue* — é a cegueira.

De feito nenhum castigo, nenhuma pena ha no mundo tão severa, tão duradoura, tão aturada e tremenda como esta. Poupa-se ao povo um espectáculo sanguinoso e feroz, evita-se habituá-lo á morte e ao horror, evita-se a continuação de crimes pela impossibilidade do criminoso, pela fraqueza, pela incapacidade, pela nullidade para o mal a que ficará reduzido ainda o mais forte, posto assim á

mercê de todos; não se corta, mas paralisa-se, que é o mesmo, o membro perigoso da sociedade; dá-se um exemplo ainda mais terrivel pela continuidade dos seus dolorosos effeitos, e sem deixar logar á impunidade, nem á sequencia dos delictos abrem-se de par em par as portas do arrependimento — salutar arrependimento, amplissimo, illimitado, todo estendido por uma vida longa que ainda poderá ser semeada de boas acções, de virtudes, e edificativos exemplos, ao passo que os remorsos, de continuo repellidos pelas trevas exteriores para o fundo d'alma, dissipam mais poderosa e efficaçmente porque nenhuma distracção os inutilisará ou lhes neutralisará o effeito, a interior cerração produzida pelo habito do crime. O mais perigoso delinquente, o monstro mais indomavel, a natureza mais dominada pelos instinctos do sangue, reduzida á inacção, inofensiva, e conscia da sua insufficiencia tornar-se-ha uma lição incessante e proveitosa — lição viva e espantosa que cada dia e a cada hora descerrará os labios para proclamar a justiça que soffrêra.

Não: nenhum cadafalso; nenhum algoz poderia dar lição ou exemplo assim.

Acabado o espectáculo da execução, o povo, que a elle concorreu como a qualquer corrida de touros, esquece a impressão que lá recebêra, se acaso a recebeu, e volta á sua vida incuidadosa — vida por viver — lembrando apenas o tremendo exemplo que tivera diante dos olhos como o desastre de um arlequim, alguns com riso, outros com blasphemias, outros escarneo — a menor parte com esteril piedade. — Nas almas mais bem formadas e que mais soffrem de semelhante pena, algumas semanas, se não dias, bastam para extinguir a impressão. — O tempo que apaga as dores d'alma é tambem poderoso para apagar estas dores, que em geral mais são dos sentidos.

Não é assim a pena da cegueira: a impressão que della deve resultar não-na diluem horas, nem dias, nem semanas. Vívida sempre e sempre em acção é uma conselheira incessante, um exemplo interminavel, um facho sempre acceso á entrada dos dois caminhos, do bom e do máu, illuminando com mui proficua luz os escolhos d'um e as vantagens do outro.

Preenchendo o mesmo fim, produzindo maior e muito melhor effeito, ao passo que evita as funestas consequencias de uma pena que é a applicação legal d'uma acção prohibida — difficil de conciliar com a sociedade, inefficaz segundo o diz a experiencia e a tantos respeitos perigosa, cremos que a substituição da pena indicada por *Eugene Sue* merece a seria consideração dos nossos magistrados e juizes.

Mendes Leal — Junior.

Os golpes de vigor e auctoridade só fazem grande effeito no tempo tranquillo, naquelle em que a administração é suave e doce. Então ainda que a medida em si não tenha nada d'extraordinario, as circumstancias a farão parecer grande, e tudo o que é desta natureza é feliz.

Será sempre judicioso tomar todos os caminhos que a honra permite a fim de sabirmos airoso d'um negocio, ou d'uma empreza em que nos empenhámos. É muitas vezes uma bem pequenina senda, uma ponta, que pareceu despresivel, a que põe tropêço ao bom resultado.